

# **A TEOLOGIA COMO POEMA DO CORPO: UMA TEOPOÉTICA DA LIBERTAÇÃO NA OBRA “VARIAÇÕES SOBRE A VIDA E A MORTE: O FEITIÇO ERÓTICO-HERÉTICO DA TEOLOGIA” DE RUBEN ALVES**

Gilmar Ferreira da Silva  
Mestre, FAJE, CAPES  
E-mail: gilmarfate@gmail.com

## **Resumo:**

Na América latina o desafio é sobreviver. Mas para sobreviver no descompasso causado pelas desigualdades sociais, não poucas vezes, nos sacrificamos e nos tornamos “endurecidos” ou “embrutecidos”. Eis um desafio para Teologia da Libertação: endurecer-se, mas sem jamais perder a ternura. E, para que tal ternura não se perca, Rubem Alves propõe que a teologia seja compreendida como um poema do corpo. Para Alves essa teologia “é um jogo de contas de vidro que surge sobre as entranhas dos sacrificados”. A comunicação rememora a teopoética, alvesiana e suas provocações quando trata da corporeidade, a partir obra “Variações sobre a vida e a morte: o feitiço erótico-herético da teologia”. Nessa coletânea de textos Alves permite um refazimento contínuo das teologia latino americanas a partir da pluralidade dos corpos que celebram o Reino que já chegou. Somos provocados(as) a repensar a encarnação.

**Palavras-chave:** Teologia. Corpo. Vida. Brincar. Mundo

## **Introdução**

Os corpos dos seres humanos são muitos e diversos. E também são muitos mundos. Consequentemente, são muitas teologias. Na obra *Variações sobre a vida e a morte: o feitiço erótico-herético da teologia*, Rubem Alves propõe um “Jogo” ou mesmo uma “brincadeira”. Conta “estórias” e abre livremente a imaginação pra fazer teologia.

Mas, a teologia de Alves é um poema dos corpos. Não somente dos corpos “bonitos” e bem nutridos, mas de todos os corpos. Principalmente daqueles que são sacrificados, que não podem contar a “estória”, porque perderam. E perderam porque não tinham poder!

Essa comunicação, que “deseja” ser homenagem e memória do poeta, brinca e se faz “rede”. “Rede” na qual os “corpos” possam descansar”! Se lembra um pouco da “estória” de Alves<sup>1</sup>. Depois “passeia” ligeiramente por alguns temas: Deus, teologia, teólogo, corpos, mundos, poder, palavras, crianças, brincadeiras e esperança.

É bom saber que os temas estão “entranhados” e, sobre a coletânea, o próprio Alves (1985, p. 131) confessa:

Confesso-lhes que eu mesmo estou me assustando com as coisas que se estão dizendo nestas meditações sobre teologia. Antes de começar a escrevê-las elaborei um roteiro que pareceu sugestivo, com certa dose originalidade. Mas, naquele momento eu nem de longe suspeitava que a caminhada iria acordar idéias tão insólitas que, uma vez despertadas, me obrigariam a colocá-las no papel.

A teologia proposta por Alves pode provocar as diferentes teologias latino-americanas a dialogarem. Todas surgem no mesmo contexto: pobreza e des-empoderamento. Segundo Alves (1985, p. 138), a fala da qual surgiu o teólogo é “de gente que não tinha poder em suas mãos para fazer o futuro”. Mas, como bufões e crianças, podemos anunciar “novos mundos”(ALVES, 1985, p. 149).

### **1. Rubem Alves: um dançarino**

Teólogos são dançarinos (ALVES, 1985, p. 28) é, ele mesmo, viveu como quem dança. Observar sua vasta produção intelectual de Alves é tarefa semelhante a do expectador que, ao observar o dançarino de longe, indaga se ele está saltando com graciosidade ou loucamente tentando voar.

Mas, compreende-se melhor a “dança” de Alves tem dois atos. Primeiramente é a fase dialético-política, na qual suas produções podem fazer com seja compreendido, não sem críticas, como um dos fundadores da Teologia da Libertação na América Latina. Alves se identifica com uma “consciência proletária”, critica as linguagens tecnologistas e teológicas. Ele “rompe com a tradição filosófica platônico-cartesiana para anunciar o corpo como prioridade em sua reflexão teológica”(LUIZ, 2012).

A segunda fase será imaginativo-estética. Alves trabalha a ludicidade, a utopia e a imaginação. Propõe uma via alternativa à teologia latino-americana. Alves não abandona a teologia, mas insinua uma nova maneira de pensar a Teologia da Libertação: a partir do corpo e com uma dose de beleza e poesia (LUIZ, 2012). Para Alves esta teologia, sob a inspiração

---

<sup>1</sup> O nome *Alves* significa “filho do guerreiro Elfo”. Elfos são seres belos, semi-divos, mágicos e imortais.

da espiritualidade do martírio, somente conseguia ver espinhos, coroas e feridas. Sem olhos para as flores (CERVANTES-ORTIZ, 2005).

Alves se transforma em um fervoroso defensor da imaginação, da beleza, do corpo e da poesia (CERVANTES-ORTIZ, 2005). É nessa fase que Alves produz a obra “Variações sobre a vida e a morte. O feitiço erético-erótico da teologia”.

## **2. Variações sobre a vida e a morte. O feitiço erético-erótico da teologia”**

Nesta obra Alves se desvia da forma clássica de propor teologia (VALLER, 1997)

... é necessário que o texto, como continuação do meu corpo, participe das minhas sombras e das minhas luzes. O texto tem de abrigar o desejo. É isto que faz com que ele se ligue existencialmente com o leitor. E, assim, a experiência de escrever e ler se torna uma experiência de fraternidade... (ALVES, 1982)

Alves mantém a racionalidade crítica e, mesmo de forma marginal, continuou se valendo da filosofia. O resultado continua sendo teologia. Mas uma teologia na qual a esperança e a criatividade humana são os materiais mais precisos. E, embora proclamado pelo mundo da ciência moderna que Deus tenha morrido, Alves como que retruca: Deus não morreu, continua vivendo nas palavras dos crentes (CERVANTES-ORTIZ, 2005).

A obra se constrói com materiais tirados da fantasia, de um diálogo que começa em um caso e segue como imaginação (ALVES, 1982). Pra mergulhar no mundo criado por Alves é preciso ter “espírito de criança”. É necessário saber brincar e jogar, mesmo porque a própria vida é um jogo. No decurso da obra Alves utiliza a metáfora de um jogo de contas para avisar ao leitor que eles, o leitor e Rubens, estão jogando.

### **2.1 Variações sobre um tema dado**

Os teólogos se tornaram verdadeiros “especialistas no segredo divino”. E a teologia passou a se comportar como uma ciência que considera que o seu objeto esteja em algum lugar, a espera de ser acessado e compreendido. Logo, dominado. Ela se esqueceu do seu próprio jogo e passou a jogar os jogos de outros saberes, de outros corpos, enfim, de outros mundos.

Mas das artes Alves evoca a compreensão de “plasticidade”. Como numa música é possível descobrir progressivas revelações e possibilidades escondidas, a teologia precisa redescobrir sua criatividade de olhar para os mundos. Mundo cheios de mitos, cores, sons e muitas outras “coisas” e “corpos” que precisam ser descobertos. A teologia pode fazer o que sabe muito bem: falar sobre as coisas. Não como em um discurso crivado de racionalidade,

mas como quem faz uma prece. Uma prece que brota naturalmente como o “suspiro de uma criatura oprimida”.

O teólogo por sua vez é um dançarino, com espírito de criança, capaz de brincar com os símbolos. No seu corpo limitado ele reconhece que, sozinho, não consegue pensar sobre tudo (ALVES, 1982).

## **2.2 A ressurreição dos corpos**

Se um grande argumento da fé cristã é o de que os corpos serão ressuscitados, porque não fazer teologia a partir deles. Os corpos organizam e interpretam o mundo. E o mundo, é uma extensão do corpo. Sendo assim, é bom salientar que, como não existem corpos neutros, também não existem mundos neutros. Os corpos são fontes de imaginação e motivos de revolução. Por isso os homens não se prendem ao mundo e são capazes de recriá-lo.

No entanto, o tom poético e fantasioso, não aliena Alves da realidade. Denuncia brincando: os corpos são as únicas “coisas” que os trabalhadores possuem e, ainda sim, têm que alugar pra sobreviver. E os corpos estão sujeitos à dor. Na verdade, pra quem está sofrendo, só existem o corpo e a dor. Crer na ressurreição é imaginar que um outro mundo é possível (ALVES, 1982)

## **2.3 Os corpos dos sacrificados**

A realidade é que os corpos estão, indistintamente, sujeitos a mortalidade. Na morte vão o poder e a vida. Esses corpos lutam para serem livres, mas liberdade, é uma questão de poder. Poder libertar mas, também pode escravizar.

Para que o resultado do poder seja a vida e a liberdade, será necessário estabelecer sua junção com o amor. Alves elucida um fato fundamental: não há amor sem poder. É na medida que essa relação se torna visivelmente histórica que os corpos reascendem a esperança da vida. E sem esperança o que resta é somente a morte.

Aqueles que esperam são jogadores que apostam na possibilidade de que a mudança seja possível. O mártires são jogadores de tamanha esperança que apostam aquilo que tem de mais valioso: o seu próprio corpo. Com o corpo não se compreende meramente o que é “Graça”. Com o corpo se “vive” a graça. Graça, que é esperar quando não se pode (ALVES, 1982)

## **2.4 A magia da palavra**

Teólogos são pastores de palavras. Através das palavras os homens têm o poder de transformar e reinventar o mundo. O jogo das palavras é a linguagem. A linguagem pode mudar os corpos e reinventar os atos humanos.

As palavras fazem o mundo diferente. Elas “possuem” corpos. Elas fazem a verdade e não somente a anunciam. Novamente a denúncia poética: “ as palavras que constroem o mundo são os gemidos dos sofredores”(ALVES, 1982)

## **2.5 A heresia da verdade**

No jogo a teologia encontra dois desafios. Pra não sucumbir diante do “desejo” de esgotar o conhecimento sobre Deus, ele não deve esquecer que ela, a teologia, “e conversa do corpo sobre o corpo” (ALVES, 1982) Não deve entregar-se ao mesmo “desejo” da filosofia de descobrir e falar sobre o ser, e nem da ciência e seu “desejo” de descobrir e controlar as leis eternas que regem o “mundo”. É sempre a busca pela verdade!

Mas a busca pela verdade não é pura porque os corpos não são puros e nem objetivos. Logo a teologia e a ciência incorrem no mesmo perigo: na busca pela verdade se deparam com os corpos. Estes corpos são assumidos com um mero meio para alcançar a verdade. E, se não forem tomados como um fim em si mesmo, tornam-se meros obstáculos que devem ser eliminados para alcançar o objetivo legítimo: a verdade. No corpo a verdade é “gostosa”, é coisa viva (ALVES, 1982).

## **2.6 A verdade da heresia**

Nos diversos corpos, diversos mundos, diversas teologias e o desafio de aceitar o diferente. Os corpos que contam as “estórias” são daqueles que sobreviveram e foram vitoriosos. Os derrotados e seus corpos foram mortos e, quando muito, desempoderados, são chamados de “hereges”.

Eles, na inconsistência, de suas “verdades”, muitas vezes perdem os seus corpos. Aqueles corpos que já alcançaram consistentemente a verdade, sem compaixão, eliminam os corpos inconscientes.

Denunciante, Alves pondera que a Bíblia é, na verdade, a história dos derrotados. E o corpo derrotado explicita que, se passa pelo corpo, a verdade não pode ser somente falada: ela tem que ser vivida (ALVES, 1982).

## **2.7 Estórias que despertam amor**

Os teólogos não se restringem a rotina de um só mundo. São de outro mundo! Um mundo criado pelo ato de contar “estórias”. Estórias contadas no deserto e em face das ausências. Ausências de outros corpos com os quais podemos brincar, das músicas que cantamos juntos, dos lagos onde nadamos, dos lugares que fizemos nascer e muito mais. Estórias são contadas com palavras. Palavras são extensão do corpo e recriam o universo. Universos pessoais, inesperados e polissêmicos.

Teologia é contar histórias, criar novos mundos, provocar o amor, é tecer redes nas quais as pessoas possam se deitar. A própria teologia nasce da história de sofrimento de um povo. Contar histórias é possível para todos os corpos e é assim que pode ser imaginar que a igreja seja um povo capazes de contar “estórias” (ALVES, 1982).

## **2.8 Na companhia de bufões e crianças**

É preciso que reaprendamos continuamente a fazer e a refazer teologia. Seria oportuno que considerássemos os mundos dos bufões e das crianças. Ambos subvertem a realidade.

Como os profetas, os bufões denunciam a realidade. Os bufões fazem escrachar as imperfeições e os erros dos corpos. E, quando expõem os mundos, provocam transformações e impedem que a soberba sensação de superioridade se estabeleça sobre os outros corpos.

As crianças brincam porque são donas da situação e acreditam que, a qualquer momento, podem recomeçar a “estória”. Deus nos colocou no mundo para brincarmos e os teólogos precisam adquirir a capacidade de brincar (ALVES, 1982).

## **2.9 Os desejos, os sonhos, as utopias, o Reino**

A teologia corre o perigo de se transformar em arma para o poderosos. E ferramenta de docilização dos corpos. Encantar-se com o corpo não significa esquecer-se que, no jogo da vida, há choro e sofrimento. É, mais uma vez, a poética da denúncia: “O Deus cristão é o Deus crucificado, Deus que chora. É somente este Deus que as entranhas dos crucificados podem gerar: um Deus que espera porque sofre” (ALVES, 1982).

A teologia não carrega o passado nas “costas” com a intenção de fazer com que o futuro seja dominado por ele. Na verdade, a teologia traz um novo mundo do futuro: que o Reino venha. E quando vem, subverte a realidade: tudo profetizam, a natureza se converte em um lugar de equilíbrio, todos têm saúde e a paz não é um bem de consumo restrito a uns poucos.

## **Conclusão**

A América Latina compreende, historicamente, o que é ter o corpo violado. E, como para Alves, a teologia é poema do corpo e o mundo e extensão do corpo: a violência que mutila o corpo, mutila o mundo e silencia a teologia. No jogo com Alves, todos nós nos descobrimos devedores. Devemos aos povos latino americanos quando nos omitimos em relação aos corpos e a toda beleza de sua diversidade. Devemos às crianças e aos palhaços um pedido de desculpas por andarmos tão sisudos. Precisamos reaprender a contar histórias, a nos despirmos de toda prepotência e brincarmos com a vida.

Nosso desafio é o de reconhecermos a capacidade que a teologia e os teólogos possuem de criar novos mundos. De dar voz aos corpos sacrificados e trazer a liberdade do futuro para ser vivida hoje.

Essa comunicação terá cumprido seu objetivo se tiver provocado as pessoas que fazem teologia a vasculharem a teopoética de Rubem Alves, a ouvir seus “causos”, imaginar novos mundos e, como não poderia deixar de ser, “viver e não ter a vergonha de ser feliz”.

## **Referências**

ALVES, R. A. *Variações sobre a vida e a morte*. 4. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

CERVANTES-ORTIZ, L. *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2005.

LUIZ, R. I. E. *Por uma Ordo Amoris: reflexões Alvesianas sobre a libertação humanas*. 2012. 13-48 f. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=19615@1%0A](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=19615@1%0A)>. Acesso em 15 ago. 2017

VALLER, T. Corpo, um paradigma teológico? *Revista de Cultura Teológica*, v. n. 20, n. ISSN (impresso) 0104-0529 (eletrônico) 2317-4307, p. 31–41, 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/download/14359/11833>>. Acesso em 15 ago. 2017.